

## **Dois caricaturistas entre a memória e o esquecimento: Angelo Agostini (1843-1910) e Eduardo Chapon (1852-1903)**

**Aristeu Elisandro Machado Lopes<sup>1</sup>**

RESUMO: Os periódicos com ilustrações alcançaram notoriedade na última década do Império do Brasil. O Rio de Janeiro contou com um número considerável de artistas, como Angelo Agostini que alcançou sucesso com seus jornais. A imprensa ilustrada também floresceu em outros centros urbanos, como Pelotas no extremo sul, que teve no artista Eduardo Chapon sua maior expressão. A trajetória artística desses dois artistas é o objetivo do artigo. Agostini foi uma inspiração para Chapon e apesar dos resultados favoráveis que ambos alcançaram com suas ilustrações, a memória do primeiro foi preservada enquanto o esquecimento foi o destino do segundo.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa ilustrada – Rio de Janeiro – Pelotas – Memória – Esquecimento

ABSTRACT: Illustrated periodicals achieved notoriety in the last decade of Brazil's Empire. Rio de Janeiro had a considerable amount of artists, like Angelo Agostini, who was very successful with his publications. Illustrated press also flourished in other urban centers, like Pelotas in the South, whose most famous representative was Eduardo Chapon. The artistic trajectory of these artists is the main subject of this article. Agostini was an inspiration to Chapon, and despite their successful careers, the former had his memories preserved, while the latter fell into oblivion.

KEY-WORDS: Illustrated press – Rio de Janeiro – Pelotas – Memory - Oblivion

O presente trabalho discorrerá sobre a vida de dois imigrantes vindos para a América do Sul no século XIX. Um deles, Angelo Agostini, chegou primeiramente no Rio de Janeiro, seguindo para São Paulo e depois retornando ao Rio de Janeiro. O outro, Eduardo Chapon, instalou-se em Buenos Aires e mais tarde em Pelotas. Eles desempenharam o mesmo ofício, a litografia, tendo sido responsáveis pela circulação de importantes jornais ilustrados e humorísticos nas cidades brasileiras em que viveram. Através de sua atuação nos periódicos da Corte, Agostini se tornou bastante conhecido extrapolando as fronteiras da Província fluminense e servindo de inspiração a outros caricaturistas, tornando-se o grande desenhista do seu tempo. Sua influência pode ser constatada nos periódicos pelotenses nos quais Eduardo Chapon atuou, como será abordado na segunda parte do artigo. Após apresentar ambos caricaturistas na primeira parte do trabalho, no final se discorrerá sobre algumas possibilidades e levantar considerações relacionadas às estratégias que os levaram tanto à lembrança como ao esquecimento.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq/Brasil. Professor substituto da Universidade Federal do Rio Grande-FURG.

## CRUZANDO AFINIDADES

A imprensa ilustrada brasileira iniciou seu desenvolvimento nos anos 1830. Contudo, seu período áureo ocorreu na segunda metade do século XIX com o surgimento de vários periódicos publicados nas principais províncias do Império. As técnicas de aprimoramento das empresas e oficinas jornalísticas aliadas com o incremento da arte litográfica possibilitaram a ampliação do número de hebdomadários. Todavia, outro fator preponderante para o desenvolvimento deste tipo de periódico foi a participação de imigrantes estrangeiros.

Em 1859, aos 16 anos, chegou ao Rio de Janeiro um jovem artista italiano chamado Angelo Agostini, nascido em Vercelli no ano de 1843<sup>1</sup>. Com o falecimento de seu pai na Itália, foi morar com a avó em Paris, formando-se na Academia de Artes. Veio para o Brasil acompanhado pelo padrasto Antonio Pedro Marques de Almeida com o objetivo de encontrar-se com a mãe Raquel Agostini, cantora lírica<sup>2</sup>. No ano seguinte, a família mudou-se para São Paulo. Alguns anos antes da vinda de Agostini para o Brasil, nasceu Eduardo Chapon em 06 de agosto de 1852, na França. Filho de Jean e Marguerite Chapon<sup>3</sup>, também estudou artes na capital francesa e, jovem como seu colega, rumou para a América do Sul. Instalou-se inicialmente na cidade de Buenos Aires trabalhando como professor. Sua vinda para o Brasil dar-se-ia alguns anos depois, influenciado por um amigo brasileiro que possuía uma propriedade na Argentina e a cujos filhos Chapon ensinou a língua francesa. Decidido, rumou para a cidade de Pelotas localizada no extremo sul do Império Brasileiro, na Província do Rio Grande do Sul<sup>4</sup>.

Em seus primeiros anos em São Paulo, Agostini trabalhou numa oficina de fotografia. Em 1864 fundou, com Américo de Campos, o periódico *Diabo Coxo* e posteriormente o *Cabrião* em 1866. Os periódicos não tiveram uma circulação significativa. O primeiro foi sucedido pelo segundo que, por sua vez, findou sua circulação em 1867. A sátira social e a novidade jornalística foram dois pontos que marcaram os periódicos. As caricaturas eram audaciosas, indo da crítica aos costumes estendendo-se aos políticos do seu tempo. A redação do *Cabrião*, por exemplo, foi depredada por

simpatizantes de políticos satirizados nas páginas do jornal e, em 1866, uma caricatura audaciosa envolvendo a oligarquia paulistana resultou num processo movido pelo jornal *Diário de São Paulo*, seu porta-voz<sup>5</sup>.

Os periódicos de Agostini foram os primeiros ilustrados que circularam na São Paulo ainda provinciana com pouco mais de 20 mil habitantes, dez vezes menor que o Rio de Janeiro. Os jornais, contudo, tiveram um sucesso momentâneo, como demonstra a primeira página de *O Diabo Coxo*, com os leitores disputando o primeiro número do jornal<sup>6</sup>. No entanto, ainda em 1867, sem declarar o porquê, ele se transferiu para a Corte. A mudança pode ser relacionada com dois fatores. O primeiro deve-se aos problemas enfrentados por ele na direção, um tanto desastrosa, do segundo jornal ao caricaturar pessoas influentes numa cidade onde “todo mundo se conhecia”. O outro está condicionado a essa constatação, ou seja, a Corte era o centro não só da política como do Império concentrando um número maior de habitantes e, portanto, uma oferta mais ampla de prováveis assinantes e favorecedores. Antonio Cagnin aponta como o motivo mais provável da mudança uma denúncia de Agostini publicada no n. 50 do *Cabrião*. No conteúdo, o artista acusava o presidente da Província, Tavares Bastos (apelidado de El Supremo), de responsável pela destruição da redação:

*Logo em seguida, deve ter deixado apressadamente a cidade, como se deduz por não ter feito o número seguinte do Cabrião, que, de fato, não trouxe mais seus desenhos nem sua costumeira assinatura (A ou AA). Agostini não mais voltou a São Paulo<sup>7</sup>.*

Não é sabido o ano da chegada de Chapon a Pelotas, o que representa um período de “névoa” sobre sua vida. Entretanto, sua presença fora notada na pequena cidade no ano de 1879 com o lançamento da folha ilustrada *Cabrion* na qual iniciou sua carreira de litógrafo. Provavelmente, ela foi fruto de uma inspiração a partir de sua congênere paulistana; vale considerar também que seu nome pode ter se baseado no romance *Mistérios de Paris* de Eugène Sue. No enredo, Cabrion era um pintor travesso que perturbava o personagem Pipelet<sup>8</sup>. O jornal, assim caracterizado, era um órgão que “incomodava” através de suas sátiras a sociedade pelotense. Empreendimento desenvolvido com um sócio, o pintor e caricaturista Eduardo Guerra, Chapon era o responsável pela administração do periódico, além de atuar como litógrafo. O periódico não só se apropriou do nome de seu antecessor, como também se caracterizou pelas críticas mordazes que veiculou em suas páginas. É

possível que devido ao papel que o jornal desempenhava, Chapon tenha decidido se retirar da empresa, conforme um anúncio publicado em julho de 1880. A declaração afirmava que a dissolução era amigável e que o ativo e o passivo da oficina litográfica ficariam sob a responsabilidade de Chapon (*Cabrion*, 25/07/1880)<sup>9</sup>. Inicia-se, neste momento, outro período de sombras na vida do artista pelotense.

Em 1867, Agostini chegou ao Rio de Janeiro e em seguida iniciou sua promissora carreira de caricaturista. Ainda nesse ano, executou trabalhos litográficos no periódico *O Arlequim*. No ano seguinte, já estava trabalhando num outro periódico, *A Vida Fluminense*, que sucedeu o anterior. Sobre sua atuação nesse periódico, Herman Lima assinala que suas caricaturas são desde o início “excelentes charges (...) ainda no verdor dos anos, porém já na maneira que o imortalizaria depois”<sup>10</sup>. Neste periódico, Agostini criou a primeira história em quadrinhos em seqüência e com um personagem fixo no Brasil; dividida em nove capítulos sua história chamava-se "As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de Uma Viagem à Corte". Colaborou ainda no periódico *O Mosquito* lançado em 1875. E, em 1876, lançou a *Revista Ilustrada*, periódico que se tornaria nos anos seguintes o principal jornal ilustrado do país, consagrando a carreira do caricaturista, tornando-o o mais importante artista gráfico do século XIX.

Anos após o lançamento da *Revista Ilustrada*, a qual contava com um distribuidor regular na cidade de Pelotas, Eduardo Chapon reapareceu. Era, então, o proprietário de um novo jornal ilustrado, *A Ventarola*, lançado em abril de 1887. O surgimento do hebdomadário foi noticiado pela imprensa diária que saudou o novo colega desejando-lhe vida longa. A nota publicada no jornal diário pelotense *A Discussão* afirmava que o novo jornal era homônimo “em princípios e fins da sua colega fluminense”. Ainda sobre o periódico assegurava que se ele fosse mantido em “atitude conspícua e condigna, sem jamais se deixar escorregar pelos caminhos da crítica inconveniente e pesada” poderia desfrutar de uma carreira prodigiosa (*A Discussão*, 12/04/1887). Já a nota veiculada por *A Pátria*, outro diário de Pelotas, afiançava que os desenhos eram realizados “pelo já conhecido lápis do Sr. Eduardo Chapon” (*A Pátria*, 11/04/1887).

Essa passagem do jornal confirma que Eduardo Chapon também era caricaturista do periódico embora não tenham sido encontradas ilustrações assinadas por ele. Por outro lado, o trecho publicado em *A Pátria* permite avaliar que o artista permaneceu no período

compreendido entre seu desligamento do *Cabrion* em 1880 até o lançamento d'*A Ventarola* em 1887 desempenhando o ofício de litógrafo à frente de seu estabelecimento comercial. É possível considerar ainda que os periódicos não foram suas únicas fontes de renda (especialmente *A Ventarola*) e que seus recursos advinham da Litografia Parisiense fundada por ele. Os anúncios do estabelecimento publicados desde os primeiros números do novo jornal corroboram tal possibilidade; neles Eduardo anunciava os serviços litográficos prestados, como retratos, cartões de visitas, diplomas, etc. Em 1888, por exemplo, o livro *Auras do Sul* com poesias do poeta local Francisco Lobo da Costa, reunidas pelos amigos logo após sua morte, trazia um retrato dele confeccionado na oficina litográfica de Eduardo Chapon (*A Ventarola*, 30/09/1888).

A partir de julho de 1889, *A Ventarola* começou seu declínio. Primeiro mudou seu formato (30 x 40cm) e reduziu suas páginas para quatro, o que tornava a sua veiculação menos dispendiosa. Na busca por novos assinantes o jornal no novo formato foi distribuído gratuitamente. No mesmo número que inaugurava a mudança Eduardo Chapon solicitava aos assinantes em atraso o pagamento das dívidas sob “a pena de passarem para a nossa câmara escura, o que não é nada bonito” (*A Ventarola*, 14/07/1889). Ele ainda sofreria, em seguida, um desfalque por parte de um cobrador que se apossou de dinheiro oriundo de assinaturas. No último exemplar encontrado do jornal, novamente seu proprietário rogava aos assinantes para saldarem suas dívidas “[...] o mais pronto possível pois são grandes e certas as despesas que fazemos com a publicação da ventarola” (*A Ventarola*, 29/12/1889). Assinaturas atrasadas, o desfalque e as despesas com a publicação, certamente estes problemas foram os motivos que causaram a interrupção do periódico. Surge, após o encerramento, um novo tempo de névoas sobre Eduardo Chapon.

No período compreendido pela circulação do periódico pelotense, a *Revista Ilustrada* gozava de um amplo prestígio no Império e perdurou anos depois do encerramento de sua congênere pelotense. O hebdomadário fluminense era, tendo Agostini como seu guia, um dos principais expoentes das campanhas Abolicionista e Republicana propagadas na Corte. Conforme Evaristo de Moraes, citado por Herman Lima, a *Revista* sempre manifestou “idéias liberais e adiantadas, adotara o princípio do abolicionismo, não só fazendo sob essa inspiração a crítica caricatural dos ministros e dos políticos em evidência, como dando, pela imagem, notícia de todos os fatos que pudessem favorecer a

propaganda”<sup>11</sup>. Após a Abolição da Escravatura, Agostini resolveu realizar uma viagem à Europa deixando à frente da *Revista* o caricaturista Antonio Bernardes Pereira Neto. Discípulo exemplar de Agostini, muitas vezes seus traços se confundiam com aqueles do mestre, fator que gerava (e ainda gera) uma incógnita em relação à autoria dos desenhos. Uma década mais tarde, o periódico encerrava sua circulação no seu 22º ano de existência.

Possivelmente, Eduardo Chapon permaneceu na cidade de Pelotas nos anos de névoas posteriores ao término d’A *Ventarola* trabalhando como litógrafo em seu estabelecimento. O nevoeiro se dissipou no outono de 1903 quando os jornais diários da cidade anunciavam com pesar o falecimento do artista. Conforme os jornais, após longos sofrimentos derivados de uma “lesão dupla do orifício mitral” (doença coronariana), Chapon faleceu no dia 18 de maio com 50 anos (*Correio Mercantil*, 21/05/1903)<sup>12</sup>. Além das notas de falecimento, um convite para o enterro foi publicado pela esposa Maria Delfina da Silveira, com quem estava casado desde 1880 e pelos três filhos que tiveram: Eduardo Chapon, Luiz Chapon e João Chapon. Nas notas os jornais destacavam que Eduardo era um “estimado e inteligente artista litógrafo” (*Diário Popular*, 19/05/1903); “estimado e contraído ao trabalho” (*Opinião Pública*, 19/05/1903) e “antigo morador desta cidade [...] era benquisto” (*Correio Mercantil*, 19/05/1903). Ao enterro, apesar da forte chuva que caía naquela manhã, compareceram parentes, amigos, vizinhos, membros da colônia francesa e membros do Clube do Comércio. O coche fúnebre foi seguido até o cemitério por uma extensa fila de carruagens e, no sepultamento, foi pronunciado em francês um discurso pelo senhor Conjard (lente de física e química do Liceu de Agronomia da cidade)<sup>13</sup>.

A partir do material publicado nos jornais da cidade notou-se que, apesar da falta de informações sobre sua vida num período de 14 anos compreendido entre o fim de A *Ventarola* e a sua morte, Chapon ainda mantinha vínculos com a sociedade pelotense. O imigrante francês que, ao que tudo indica, veio para a América sozinho e aqui constituiu família, conseguiu se integrar e estabelecer laços de sociabilidade em Pelotas. Num primeiro momento, destacava-se a presença de uma coroa de flores enviada por membros do Clube do Comércio o que denotava seus vínculos comerciais representados pela atividade desempenhada a frente de sua litografia. Já a presença dos membros da colônia francesa representava seu vínculo com os demais imigrantes franceses da cidade. Vale

considerar que nos anos em que seus jornais circularam em Pelotas não houve nenhuma menção a sua nacionalidade, sobre a situação de imigrantes na cidade ou ainda a veiculação de textos ou legendas em língua francesa. Em relação à vinda de imigrantes, não houve notícias significativas e as que apareciam serviam para criticar os jesuítas, além de não apontar a nacionalidade dos colonos. No entanto, a alocução proferida em francês pelo Sr. Conjard, em nome dos imigrantes franceses, destacava que sua morte era uma grande perda para a colônia francesa, e que ele seria sempre lembrado como um grande amigo, homem digno e um bom francês.

O mesmo ano da morte de Eduardo Chapon caracterizou o fim da circulação do *Don Quixote* publicado no Rio de Janeiro desde 1895 por Agostini. Esse periódico foi o último dirigido e ilustrado exclusivamente por ele e evidenciou suas desolações com os ideais republicanos que anteriormente fora simpático. O Presidente Prudente de Moraes, substituto do Marechal Floriano Peixoto, era chamado de “Prudente De Mais”, devido ao seu descaso com as fraudes eleitorais e com a Guerra Civil no Rio Grande do Sul (*Don Quixote*, 09/03/1895). Ao longo do seu período de circulação empregou um dos principais símbolos da campanha republicana na composição de seus quadros humorísticos, a Alegoria Feminina da República, numa releitura: se antes ela aparecia como uma deusa bela e com vestes brancas e esvoaçantes, agora era ilustrada esfarrapada e constantemente atacada por sanguessugas (*Don Quixote*, 22/06/1895). Agostini integrou um grupo de propagandistas da república incluindo literatos, jornalistas e humoristas que nos primeiros anos republicanos se desiludiram com o novo governo.

Conforme Marcus Ribeiro<sup>14</sup> Agostini não quis reassumir seu posto de caricaturista na Revista, devido à descaracterização que o periódico sofreu após o seu afastamento. Sob seu comando, a *Revista* possuía um projeto de permanecer completamente independente de opinião, mantendo-se exclusivamente com o valor cobrado pelos exemplares e por serviços prestados pela litografia. Contribuiu, ainda, para essa tomada de atitude, o silêncio do jornal durante os anos difíceis da presidência de Floriano Peixoto (1891-1894). Com o término do jornal, Agostini tornou-se colunista da *Gazeta de Notícias*, com uma página semanal sobre Acontecimentos Internacionais. Mas já em 1904 apareceu como colaborador do periódico *O Malho* permanecendo nele até a morte em 1910.

## AGOSTINI POR CHAPON

Angelo Agostini foi uma inspiração para outros artistas brasileiros enquanto sua *Revista Illustrada* serviu de modelo para que esses criassem os seus periódicos. Eduardo Chapon foi um deles. Um exemplo disso está nas cópias de ilustrações de Agostini feitas por Chapon; uma ilustração sobre a terceira viagem internacional de Dom Pedro II exemplifica<sup>15</sup>. Esse foi o assunto abordado por Agostini na edição do dia 26 de agosto de 1887 na página dedicada as “atualidades”. (FIGURA 1) Nos primeiros quadros o Imperador apareceu sendo examinado por seus médicos, uma das razões de sua viagem era a busca de tratamentos de saúde. A legenda informava: “S.M. foi visto, escutado, examinado e apalpado por várias notabilidades médicas que o acharam quase são como um pero”. No quadro seguinte enfatizavam o gosto do Imperador por passeios: “E a prova de que eles não se enganaram é que S. M. continua no seu sistema de andar a galope por toda a parte. Pobre comitiva e pobre repórteres!”. No terceiro quadro noticiavam que o Imperador foi encaminhado para uma estação de águas termais de Baden-Baden, na França: “os médicos aconselharam que S. M. tomasse duchas afirmando que o uso das águas de Baden-Bis (sic) o restabelecerá completamente. Ainda bem!”. Por fim, uma última sátira relativa ao gosto erudito do Imperador: “Nas horas vagas deita poesia, impunha a lira e qual trovador canta a Pátria ausente”.

Alguns dias após a publicação desses desenhos, *A Ventarola* noticiava em suas páginas a viagem do Imperador e, como sua congênere *Revista*, não noticiou somente na parte textual como também nas ilustrações. Na edição do dia 11 de setembro de 1887 Chapon publicou uma seqüência de quadros semelhantes aos de Agostini. (FIGURA 2) Contudo, os desenhos de Chapon saíram “as avessas”, ou seja, ao optar por usar os desenhos da *Revista* como modelos para aqueles que estava concebendo, ao imprimi-los ficaram ao contrário. Algumas diferenças são possíveis como a utilização do desenho do Imperador do último quadro de Agostini re-allocado para o navio que o levou para a Europa. Outro ponto está na utilização dos espaços; na *Revista* os desenhos dividiam a página com assuntos variados, em *A Ventarola* eles ocuparam todo o espaço. As legendas são semelhantes e foram dirigidas aos mesmos desenhos.



Além de ser claro que se trata de uma cópia dos desenhos da *Revista*, situação não informada aos leitores, os desenhos do periódico pelotense atestam a circularidade dos periódicos no século XIX e que as notícias produzidas na Corte chegavam com brevidade em Pelotas. O que interessa nesse momento é que a cópia do jornal exemplifica o sucesso de Agostini e de seu periódico e que isso era do conhecimento do artista pelotense.

### LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS

O que permite a um homem ter seu legado lembrado no futuro? Quais as estratégias que podem ser usadas para imortalizar alguém do passado no presente? Será que uma sala num museu resolveria? Ou então o nome em uma rua ou a publicação de uma biografia, por exemplo? Mas, afinal, para quem esses processos são dirigidos? Será que todos os visitantes de um museu sabem a “história” que ele tenta passar? E os moradores sabem quem serve de nome à sua rua? E quem lê uma biografia? Considerando que os percursos vividos pelos caricaturistas apresentados possuem afinidades, cabe questionar como Eduardo Chapon e Angelo Agostini chegaram ao presente e quais as estratégias desenvolvidas que proporcionaram a eles serem lembrados ou esquecidos. Nesse sentido, o que se propõe é traçar possibilidades de compreender a memória e o seu contraposto, o esquecimento, que aqui é entendido da mesma forma apontada por Jacy Seixas:

*Assim como a memória é múltipla, multifacetada e feita de uma ‘coleção de momentos’ desiguais (como diria Marcel Proust), o esquecimento também o é; ele também não se apresenta em bloco e de uma só vez. O esquecimento é descontínuo, é intermitente, estende-se desigualmente sobre as experiências humanas; o esquecimento é por definição latente, mais ou menos (ir)reversível<sup>16</sup>.*

De acordo com estas considerações, pode se afirmar que tanto Agostini como Chapon apresentaram em suas trajetórias momentos de “névoas”, ou seja, houve ocasiões de suas vidas que não foram possíveis acompanhar através dos vestígios deixados/produzidos no passado. Não se sabe nada sobre Agostini nos primeiros anos de sua vida e, em especial, de seu período de formação em Paris. Já sobre Chapon, foi impossível averiguar o que fez no período entre sua chegada em Pelotas e o início da circulação do *Cabrion* em 1879. No entanto, não se pretende tomar a vida deles “completa” num plano que os acompanharia do nascimento à morte, numa tentativa de resgatar o real

como ele foi. O que se deseja a partir dessa indagação é que, através dos vestígios deixados por eles (demarcados especialmente pelos períodos em que atuaram nos jornais), é possível acompanhar momentos de suas vidas que contribuem para a reversibilidade do esquecimento. O trabalho busca “tecer” fios entre eles, suas atuações e os acontecimentos que participaram; “mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como ‘realmente’ aconteceram”<sup>17</sup>.

Ainda, faz-se pertinente considerar que as experiências de vida dos dois caricaturistas analisados no âmbito público contribuem para a não latência de suas memórias. Ambos desempenharam papéis importantes nas sociedades nas quais estavam inseridos; a campanha abolicionista de Agostini e as denúncias de Chapon de maus tratos aos escravos em Pelotas e a campanha republicana vista por simpatia pelos artistas e assim publicadas nas páginas de seus jornais, são exemplos.

Novamente é Jacy Seixas quem vem colaborar à interpretação dos caricaturistas e sua imbricação no esquema memória/esquecimento: “[há] vários tipos de esquecimentos, ou melhor, vários graus de profundidade no esquecimento (assim como os há na memória)... é precisamente esta distinção que abre a possibilidade de sua apreensão do ponto de vista histórico, ou melhor, da investigação histórica”<sup>18</sup>. Assim, é possível traçar algumas considerações sobre as possibilidades que acarretaram a *memória* ou o *esquecimento* dos caricaturistas. Entendendo que os “graus de esquecimento” (ou de memória) e as camadas existentes entre eles, as quais permitem a “investigação histórica”, são os meios que permitem traçar essas possibilidades. É possível tomá-las a partir dos vestígios, os quais apontam para “três tipos de inscrições (conforme a rigorosa análise de Paul Ricoeur): vestígio cortical, o vestígio documental e o vestígio afetivo”<sup>19</sup>. Desses, serão considerados pertinentes aos objetivos do artigo somente os dois últimos. Esses vestígios são vistos, no caso específico desta análise, da seguinte forma: Para Angelo Agostini, foi selecionada uma bibliografia que se referiu a ele ou o abordou de uma forma especial, foram selecionados: *História da Caricatura no Brasil* de Herman Lima, por ser o estudo mais extenso sobre o gênero, dedicando uma atenção ao artista; *Primórdios da imprensa caricata paulistana: o Cabrião* de Délio Freire dos Santos e *Foi o Diabo!* de Antonio Luiz Cagnin, textos de abertura da publicação Fac-similar de *Cabrião* e *Diabo Coxo* respectivamente. Por fim, duas teses de doutorado em História que apresentam biografias

do artista: *Poeta do lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888* de Marcelo Balaban e *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)* de Gilberto Maringoni de Oliveira. Já para Eduardo Chapon a análise será realizada a partir de um relato<sup>20</sup> sobre o artista deixado por um de seus filhos e numa entrevista concedida por um de seus netos<sup>21</sup>.

Paul Ricoeur afirma na parte concernente ao esquecimento:

*Em uma palavra, se deplora o esquecimento como se deplora o envelhecimento ou a morte: é uma das figuras do inelutável, do irremediável. E, portanto, o esquecimento coincide totalmente com a memória (...) Certos feitos (...) reforçam a idéia paradoxal de que o esquecimento pode estar tão estreitamente unido com a memória que pode considerar-se como uma de suas condições<sup>22</sup>.*

Se o esquecimento é deplorável, se ele é uma conseqüência irremediável da morte e, além disso, se ele coincide com a memória e com ela está ligado, cabe, então, iniciar a análise da construção do processo de memória/esquecimento dos caricaturistas, justamente com o período posterior ao momento extremo de suas vidas: suas mortes. Em outras palavras, que situações proporcionaram a lembrança ou o esquecimento dos caricaturistas? Quem ou o que contribuiu para a manutenção ou não da memória do caricaturista Angelo Agostini e aquela de seu colega de profissão, Eduardo Chapon?

Para responder as indagações primeiro será tratado o caso de Chapon, para depois se reportar a Agostini.

Com a morte de Eduardo Chapon em 1903, a viúva e os filhos continuaram no mesmo ramo de atividade do patriarca. Eduardo Chapon (o filho mais velho) tornou-se desenhista e gravador, além de conhecer os setores de uma oficina, como os serviços de transportador, impressor e cortador. Luiz Chapon (segundo filho) também se tornou desenhista, especializando-se nos trabalhos à pena, como cartazes e caricaturas. João Chapon (o filho mais novo) dedicou-se à comercialização do material confeccionado.

A Litografia Parisiense, embora não se saiba a data da mudança, passou a se chamar Litografia Chapon. O *Correio Mercantil*, jornal diário da cidade, publicava trabalhos artísticos de Eduardo (filho) e suplementos concebidos pelo estabelecimento, como um mapa de Pelotas e região veiculado junto à edição do dia 04 de fevereiro de 1905. No final da primeira década do século XX, Eduardo casou-se com Diva Regis Costa em 1909 e seu

irmão, João, com Marina Koboldt em 1911<sup>23</sup>. Luiz Chapon, conforme relatou seu sobrinho Jorge Chapon<sup>24</sup>, mudou-se para Buenos Aires. A viagem do segundo filho de Eduardo Chapon é importante para se compreender o processo que desencadeou o seu esquecimento por seus familiares subsequentes. Segundo Ricouer “os obstáculos para o retorno da imagem se acham precisamente no caminho da rememoração. Da instantaneidade do retorno e da apreensão, nos remontamos gradualmente à busca e à captura”<sup>25</sup>. Se não há lembrança da imagem do passado, também não há rememoração. De acordo com essa premissa, o processo que levou Chapon ao esquecimento pode ser entendido como uma memória impedida não permitindo que ela fosse passada, “herdada”, ocasionada por um fato particular aqui chamado de um trauma.

Ao ser questionado em relação as recordações de seu avô, Jorge Chapon simplesmente responde que nada sobre ele foi lhe contado pelo pai, João Chapon ou por outros membros de sua família<sup>26</sup>. Segundo ele, o tio Luiz Chapon, embora não se saiba quando, se suicidou em Buenos Aires. A partir desse momento, devido ao trauma gerado pela morte trágica do irmão, seu pai e seu outro tio não faziam comentários sobre o passado da família para os filhos, gerando um tabu que somente mais tarde seria desfeito.

Segundo o senhor Jorge Chapon, o que ele e os outros irmãos sabiam era apenas que o tio Luiz havia se mudado para Buenos Aires e o contato com ele se perdeu. Até que um dia se soube do falecimento, contudo a causa não foi revelada. Anos depois e após a morte do pai, Jorge e o irmão foram chamados pelo cunhado (casado com a irmã mais velha deles) que lhes revelou a “verdade” e mostrou a eles a carta que Luiz havia enviado de Buenos Aires antes de cometer o suicídio para os irmãos Eduardo e João. O senhor Jorge Chapon interpreta o ato do pai como uma maneira de não gerar um trauma na família ou então por medo da atitude ser repetida por algum dos filhos. Ainda conforme o narrador, Luiz relatava na carta de 13 páginas a mágoa em relação a sua parte na herança da litografia do pai que, no seu entender, havia sido mal distribuída entre os irmãos.

A interpretação, a partir da atitude de Eduardo Chapon (filho) e de João Chapon, é que ela gerou um tabu na família contribuindo para o esquecimento da atuação do avô pelos netos, impossibilitando assim que eles fossem conhecedores da sua história, sua vinda para Buenos Aires e a mudança para Pelotas, por exemplo. Por outro lado, João Chapon, pai do entrevistado, escreveu o relato de duas páginas sobre o caricaturista Eduardo Chapon;

contudo não o mostrou para os filhos, conforme a nota colocada no final do documento por João Chapon, irmão de Jorge Chapon:

*O presente relato é cópia fiel de um rascunho a lápis feito por meu pai, João Chapon, encontrado quando examinava o que restara nas gavetas de sua escrivaninha, algum tempo após o seu falecimento. Ao tirar a limpo cópia deste trabalho, creio que estou dando seguimento à sua vontade, no sentido de transmitir aos filhos e demais descendentes algo a respeito de seu pai, Eduardo Chapon.*

Contudo, essa memória impedida os impossibilitou, por exemplo, de saber da existência do periódico *Cabrion*, da atuação do avô na campanha republicana e de conhecer a sua produção artística; pontos esses não tratados no documento, assim como não são deixados vestígios significativos sobre Luiz, não abordando sua viagem para Buenos Aires. Deste modo, o esquecimento “ocupa uma relação ambígua para a memória: ao mesmo tempo em que põe em risco sua credibilidade, assume a função de justa medida em relação a ela, marcando o que pode ser esquecido e o que deve ser lembrado”<sup>27</sup>. Pode-se dizer assim que há uma ambigüidade nas atitudes de João Chapon: por um lado, ocultou dos filhos a “história” do avô motivado pelo suicídio do irmão (o que deve ser esquecido) mas, por outro, deixou escrito um relato contando essa história que somente após sua morte foi descoberto (o que deve ser lembrado).

De Pelotas ao Rio de Janeiro, Angelo Agostini. Se, no caso de Chapon, foi escolhido um trauma desenvolvido na família do caricaturista como ponto de análise, aqui será tratado também um problema familiar: a separação de Agostini motivada por um romance com uma aluna. O que se pretende desenvolver, a partir da leitura dos trabalhos acima citados, é questionar como esse momento particular da vida de Agostini foi narrado pelos autores, e se foi, e qual a imagem sobre ele foi passada aos leitores, evidenciando o que foi sublinhado à construção da memória do caricaturista e o que foi escondido, esquecido ou simplesmente não mereceu ser citado. Nesse sentido, Paul Ricoeur ao tratar do esquecimento e da memória manipulada enfatiza:

*Em efeito, antes do abuso está o uso, ou seja, o caráter inelutavelmente seletivo do relato. Se não podemos recordar de tudo, tão pouco podemos contar tudo. (...) Sempre se pode narrar de um outro modo, suprimindo, desprezando os momentos de ênfases, refigurando de modo diferente aos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da mesma*<sup>28</sup>.

Paul Ricouer refere-se aos relatos pessoais, o que não é o caso de Agostini. Contudo, a afirmação de que não “podemos contar tudo” é pertinente para a análise uma vez que, nos relatos sobre o artista, escrito por outrem, há uma “seleção” de momentos importantes que visam consagrar sua memória. Segundo Herman Lima, Agostini resolveu viajar para a Europa com o objetivo de “se refazer dos excessos da campanha da Abolição”<sup>29</sup>. Délio Freire<sup>30</sup> comenta aspectos da vida de Agostini e destaca as variadas versões sobre o ano preciso da chegada do artista, motivo de controvérsias entre os autores em nenhum momento de seu texto constou informações sobre a vida de Agostini posteriores a sua passagem por São Paulo, exceto para informar o leitor o nome dos periódicos que ele atuou no Rio de Janeiro. É possível que a pretensão de Freire fosse unicamente apresentar o jornal que o leitor desfrutaria na edição *fac-similar*, se restringindo somente a estada do artista naquela cidade. Já Antonio Cagnin, ao tratar do retorno do caricaturista ao Brasil, afirma: “Ao voltar de um exílio forçado de seis anos em Paris, Agostini editou o *Don Quixote* (1895-1903)”<sup>31</sup>.

Quem aborda os motivos da viagem de forma clara é um de seus biógrafos, Marcelo Balaban<sup>32</sup>. Em 1888, Agostini já havia se separado da esposa, Maria José Palha, com a qual teve uma filha, Laura Alvim, para viver com Abigail de Andrade. Ela foi aluna de Agostini e, em 1888, nasceu, do romance, a primeira filha do casal, Angelina Agostini. Com o escândalo, ele decidiu morar em Paris retirando-se, assim, da redação do jornal. Balaban ainda comenta que para despistar sobre o verdadeiro motivo da viagem, a *Revista Ilustrada*, ao noticiá-la, salientava que Agostini iria a busca de aprimoramento artístico e que, de Paris, enviaria à redação ilustrações que seriam publicadas no jornal, no entanto isso não ocorreu. O outro biógrafo, Gilberto de Oliveira<sup>33</sup>, também comenta a ida de Agostini para Paris e o seu romance secreto com Abigail; entretanto, ele coloca uma indagação relativa ao verdadeiro motivo da viagem, afirmando que não há uma resposta acabada para isso, apenas sinais. Um deles era o romance com a aluna e que após ser “pressionado pela família da jovem, Agostini abandona lápis, papel, esfuminho e a *Revista* e toma o vapor *Portugal* rumo ao porto de Toulouse”.

Portanto, não foram os excessos causados pela campanha em prol da Abolição dos escravos e nem um “exílio forçado” o motivo da viagem. Agostini estava vivendo uma intensa atividade artística na *Revista* que alcançava uma notoriedade significativa devido a

Abolição da escravidão, uma das bandeiras de luta do periódico. Agostini deveria aproveitar o momento e não tirar férias; assim, o que explica a viagem foi a descoberta do romance com Abigail e a consequente gravidez da sua aluna de pintura. Sendo esta a única razão que justificava a atitude do artista. Há uma incongruência até mesmo em algumas afirmações dos autores. Antonio Cagnin assinala que ele “exerceu influência efetiva na formação da opinião pública, sobretudo em dois momentos decisivos da vida nacional”<sup>34</sup> (o autor se refere a libertação dos escravos e ao movimento republicano); enquanto Herman Lima assegura a importância de Agostini e de sua revista na “fixação da vida política do Brasil justamente no mais vivo período de transição da Monarquia para a República”<sup>35</sup>.

É pertinente associar esse momento importante da vida de Agostini com as discussões sobre memória/esquecimento. Em primeiro lugar, cabe considerar que uma parte dos pesquisadores interessados na história da imprensa ilustrada no Brasil se refere aos trabalhos citados e, sobretudo, a grandiosa obra de Herman Lima, como a “história oficial” reproduzindo suas falhas. Em segundo lugar, é importante conhecer esse período da vida de Agostini para entender as atitudes tomadas por ele e que acarretaram uma reviravolta significativa em sua vida: a viagem para a Europa, o abandono da *Revista Ilustrada*, a morte do filho e de Abigail ocorridos em Paris motivando seu retorno, a criação do periódico *Dom Quixote*, usado para criticar a recém-instalada República, demonstrando a desilusão com o novo governo.

O que se pode interpretar, a partir do “silêncio” de alguns autores em relação ao romance entre Agostini, o professor, e Abigail, a aluna, é que essa união foi escandalosa para a época, sobretudo por envolver um homem de destacada relevância na sociedade da Corte. Contribuiu para isso, a situação civil de Agostini que era casado e os seus 45 anos, contrastados com os joviais 16 anos de Abigail. No caso específico de Herman Lima, parece que o envolvimento ainda era considerado um escândalo no momento da produção de seu texto nos anos 1960, uma “mancha” que deveria ser subtraída da vida do caricaturista. Na visão do autor parece que é inadmissível que o principal caricaturista do XIX tenha abandonado a mulher para viver com uma amante e com ela tenha fugido da sociedade maledicente fluminense se refugiando no exterior. Houve, por parte de Lima, a criação de um tabu conservador e moralista em relação à vida de Agostini o que contribui para o esquecimento de parte de sua biografia, tentando fazer com que este momento

importante de sua vida fosse esquecido no presente. O tom de “história oficial” conferido aos volumes escritos por Lima contribuiu para legitimar tal memória. Marcelo Balaban compartilha da mesma opinião:

*sua história é uma seqüência de atos notáveis, pontuadas por sentimentos humanitários e cívicos orientados para um fim preciso. Angelo Agostini é uma espécie de encarnação de virtudes, alguém sem vaidades nem outro qualquer anseio que não promova o bem (...) Revelar as razões da viagem de Agostini seria uma mácula na imagem que era tão bem desenhada, mancharia sua imagem e do grupo do qual fazia parte. Afinal, o homem sem vaidade, que praticava o bem pelo bem, era também de carne e osso<sup>36</sup>.*

### LEMBRADOS OU ESQUECIDOS?

Por fim, cabe a pergunta: Os caricaturistas foram lembrados ou esquecidos? Como últimas considerações pode se dizer que, por um lado, eles foram lembrados mas, por outro, esquecidos. Angelo Agostini mereceu uma atenção mais significativa do que Eduardo Chapon. Sobre o primeiro, já foram produzidos vários trabalhos acadêmicos; tendo-o como objeto ou relacionados aos periódicos nos quais trabalhou<sup>37</sup>. O segundo foi recentemente “descoberto” através das pesquisas realizadas nos periódicos do acervo da Biblioteca Pública Pelotense, os quais foram o portal que possibilitou apanhar outros vestígios sobre ele<sup>38</sup>. Agostini foi merecedor de homenagens; seu nome foi dado a duas ruas: uma em São Paulo localizada na Vila Ivone e outra no Rio de Janeiro no Bairro da Tijuca. A Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC-SP) criou o Prêmio Angelo Agostini que chegou em 2008 a sua 25ª edição e é dado anualmente. Chapon não mereceu da cidade que ele adotou para viver sequer o nome de uma rua. Vistos pelo lado das produções acadêmicas é plausível afirmar que eles, de um certo modo, foram lembrados; embora, como evidenciado para o caso de Agostini uma parte significativa de sua vida foi destinada ao esquecimento, possibilitando à construção de uma “memória perfeita” do caricaturista. No entanto, essa “falha” está sendo corrigida e compreendida, como exemplificam as teses de Marcelo Balaban e Gilberto de Oliveira, em especial.

Já se o esquema memória/esquecimento for visto através das lembranças das famílias, o esquecimento é superior. Paul Ricouer considera que os vestígios afetivos são os mais significativos, pois “consistem na persistência das impressões primeiras enquanto



passividades: um acontecimento nos afetou, nos fez impressão, e a marca afetiva permanece em nosso espírito”<sup>39</sup>. Essas marcas ou inscrições “seriam o depositário da significação mais dissimulada, mas a mais original do verbo ‘permanecer’, sinônimo de ‘durar’”. Aplicado às famílias dos caricaturistas, é possível considerar que não houve a “persistência das impressões primeiras”, contribuindo para a não permanência ou a não durabilidade da lembrança dos caricaturistas por seus familiares.

No caso do esquecimento dos familiares de Agostini, Cagnin comenta:

*Os filhos não deixaram nada de sua memória; netos e bisnetos tudo esqueceram e nem se interessam, talvez nem se importem em saber do jazigo 4005, no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, que abandonaram tomado de musgo negro e úmido da água da chuva que penetra pelos pedaços da lousa há muito quebrada*<sup>40</sup>.

Essa citação foi extraída de um texto intitulado *Estava Escrito!* semelhante aquele da abertura da edição fac-similar do *Diabo Coxo*, embora enriquecido de outras informações. Cita Laura Alvim, filha de Agostini com a primeira esposa, no entanto não se refere a sua outra filha, Angelina e nem a sua mãe, Abigail de Andrade. Herman Lima publicou uma foto de Agostini colocando-a como parte do acervo de Angelina Agostini, no entanto, comentários sobre ela, sua mãe ou informações da família de Agostini não foram abordados em nenhuma outra parte de sua vasta obra dividida em quatro volumes.

Na família de Chapon, também há a mesma falta de uma marca afetiva em relação às suas lembranças. Conforme Jorge Chapon, que confundiu algumas datas<sup>41</sup>, os seus filhos e sobrinhos desconhecem a história do avô e não se interessam por sabê-la.

Por fim, é mister considerar que ambos foram esquecidos no âmbito familiar; já no que tange a historiografia, Agostini foi mais lembrado do que Chapon, o que contribuiu à preservação da memória do artista fluminense e o esquecimento do seu colega pelotense. Contudo, não houve uma “destruição definitiva dos vestígios do passado” (conforme as palavras de Jacy Seixas), os quais podem ser localizados, em especial, nos periódicos ilustrados que narram implicitamente em suas páginas, recheadas de humor e sátiras, as marcas de seus caricaturistas e que contam, assim, uma parte de suas vidas.

## Notas

<sup>1</sup> BALABAN, Marcelo. 2005. *Poeta do lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. Campinas. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, p.22.

<sup>2</sup> CAGNIN, Antonio Luiz. 2005. Foi o Diabo! In: *Diabo Coxo* – Ed. Fac-similar. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, p.16.

<sup>3</sup> Fonte: Livro nº 07 de registros de casamentos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas-RS), folha 36, Ano 1880. Acervo do Bispado de Pelotas.

<sup>4</sup> Informações obtidas do manuscrito deixado por seu filho João Chapon. CHAPON, João. *Cópia do manuscrito deixado por João Chapon, com dados biográficos referentes a seu pai Eduardo Chapon*. S/I, S/d. Esse documento será retomado adiante.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Gilberto M. 2006. *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)*. São Paulo. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo – USP, p.54-56.

<sup>6</sup> SILVEIRA, Mauro César. 1996. *A batalha de papel. A Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre, L&PM, p.41.

<sup>7</sup> CAGNIN, Antonio Luiz. 2005. Foi o Diabo! In: *Diabo Coxo* – Ed. Fac-similar. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, p.17.

<sup>8</sup> MARTINS, Ana Luiza. 2001. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempo de República. São Paulo (1890-1922)*. São Paulo, Imprensa Oficial. p.78.

<sup>9</sup> O jornal *Cabron* circulou até junho de 1881.

<sup>10</sup> LIMA, Herman. 1963. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, p.101.

<sup>11</sup> Id. *Ibid.*, p.792.

<sup>12</sup> Há divergências em relação à idade de Eduardo Chapon: no documento escrito pelo filho consta que ele faleceu com 51 anos, já nos obituários publicados nos jornais diários aparece 52 anos. Optou-se por seguir a indicação da data de nascimento apresentada pelo filho no documento: 1852. A confusão talvez esteja no fato de Eduardo ter morrido no ano em que completaria 51 anos.

<sup>13</sup> O discurso foi publicado em francês pelo *Correio Mercantil*, em 19/05/1903.

<sup>14</sup> RIBEIRO, Marcus T. D. 2006. “A arte de alfinetar”. *Nossa História*. Rio de Janeiro, ano 3, nº 30, p.73-74.

<sup>15</sup> Outra seqüência de desenhos não abordada aqui tratava da fuga de escravos publicada na *Revista Illustrada* em 30/09/1887 e reproduzida em *A Ventarola* em 30/10/1887.

<sup>16</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. 2003. Figuras passionais, sentimentos morais e cultura política brasileira: imagens do esquecimento e da denegação. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela. *História & historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação*. Uberlândia, Editora da Universidade Federal de Uberlândia, p.106.

<sup>17</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. 2002. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, Márcia. *Memória e (re)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas, p.51.

<sup>18</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. 2003. Figuras passionais, sentimentos morais e cultura política brasileira: imagens do esquecimento e da denegação. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela. *História & historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação*. Uberlândia, Editora da Universidade Federal de Uberlândia, p.106.

<sup>19</sup> Id. *Ibid.*, p.107.

<sup>20</sup> O documento é o mesmo citado na nota 2.

<sup>21</sup> Entrevista com o senhor Jorge Chapon, 81 anos, realizada em Porto Alegre/RS no dia 29 de outubro de 2005.

<sup>22</sup> RICOEUR, Paul. 2000. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, p.555.

<sup>23</sup> Fonte: Eduardo Chapon: Livro nº 15 de registros de casamentos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas). Folha 30v. 1909. João Chapon: Livro nº 15 de registros de casamentos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas). Folha 15. 1911. Acervo do Bispado de Pelotas.

<sup>24</sup> João Chapon, o terceiro filho de Eduardo Chapon teve cinco filhos: Iná, Sueli, Paulo, João e Jorge, este foi o entrevistado.

<sup>25</sup> RICOEUR, Paul. 2000. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, p.578.

- 
- <sup>26</sup> Vale lembrar que Eduardo Chapon faleceu anos antes do nascimento do neto.
- <sup>27</sup> NICOLAZZI, Fernando. 2003. “História: memória e contramemória”. *Métis – História e Cultura*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, v.2, nº 3, p.229.
- <sup>28</sup> RICOEUR, Paul. 2000. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Econômica, p. 581-82.
- <sup>29</sup> LIMA, Herman. 1963. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, p.788.
- <sup>30</sup> FREIRE, Délio. 2000. Primórdios da imprensa caricata paulistana: o *Cabrião*. In: *Cabrião* – Ed. Fac-similar, São Paulo, Editora da UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, p.30-31.
- <sup>31</sup> CAGNIN, Antonio Luiz. 2005. Foi o Diabo! In: *Diabo Coxo* – Ed. Fac-similar. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, p.18.
- <sup>32</sup> BALABAN, Marcelo. 2005. *Poeta do lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. Campinas. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, p.50-51.
- <sup>33</sup> OLIVEIRA, Gilberto M. 2006. *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)*. São Paulo. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo – USP, p. 193-194.
- <sup>34</sup> CAGNIN, Antonio Luiz. 2005. Foi o Diabo! In: *Diabo Coxo* – Ed. Fac-similar. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, p.17.
- <sup>35</sup> LIMA, Herman. 1963. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, p.119.
- <sup>36</sup> BALABAN, Marcelo. 2005. *Poeta do lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. Campinas. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, p.51.
- <sup>37</sup> Além das duas biografias citadas, ver: RIBEIRO, Marcus T. D. 1988. *Revista Ilustrada (1876/1898), síntese de uma época*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 369 p.
- <sup>38</sup> Vale lembrar que os primeiros comentários sobre Eduardo Chapon foram feitos por Athos Damasceno Ferreira em dois livros: um abordando imprensa ilustrada e outro Artes Plásticas, ambas manifestações no Rio Grande do Sul: FERREIRA, Athos D.. *Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no Século XIX*. 1964. Porto Alegre, Editora Globo. FERREIRA, Athos D.. 1971. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo.
- <sup>39</sup> RICOEUR, Paul. 2000. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Econômica, p.556.
- <sup>40</sup> CAGNIN, Antonio Luiz. 2005. *Estava escrito!* Acessado em: 20/04/2007, disponível em: [www.Jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/visuais/alc.doc](http://www.Jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/visuais/alc.doc)
- <sup>41</sup> Ele afirmou, por exemplo, que sua irmã mais velha havia conhecido o avô, no entanto João Chapon, filho de Eduardo e pai de Jorge, casou anos após o falecimento do pai.

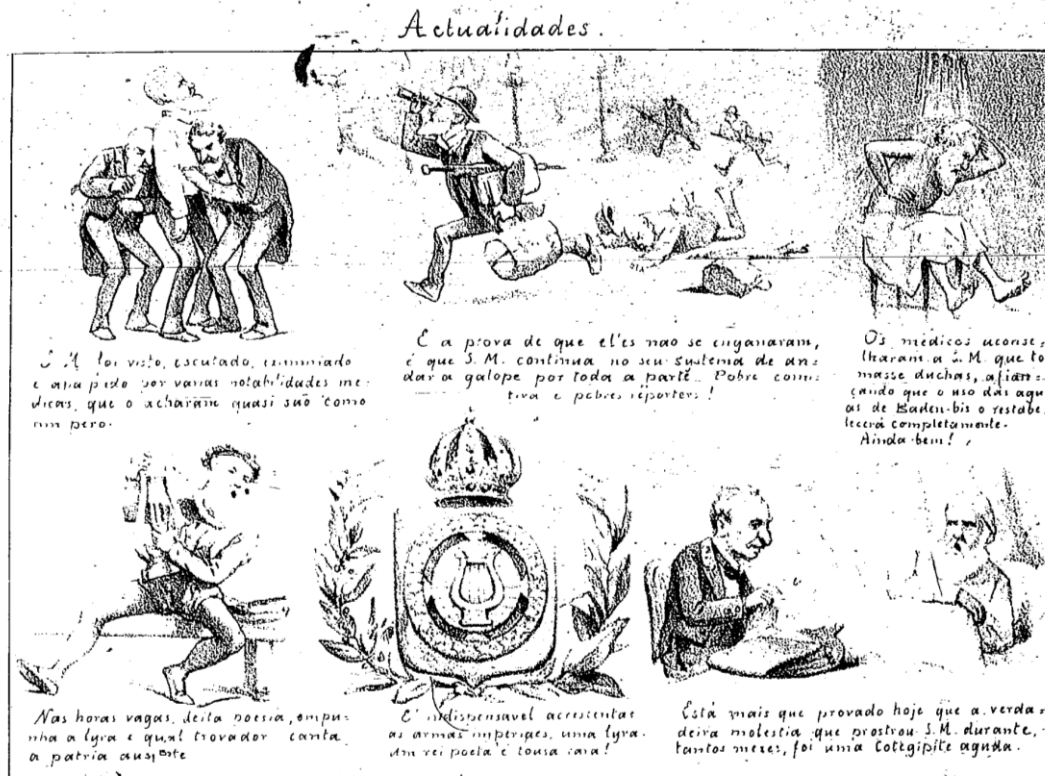


Figura 1: A viagem de Dom Pedro II na *Revista Illustrada*.

Fonte: *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro-RJ, p.08, 26 ago. 1887.

Acervo: Arquivo Edgard Leuenrout / UNICAMP – Campinas-SP

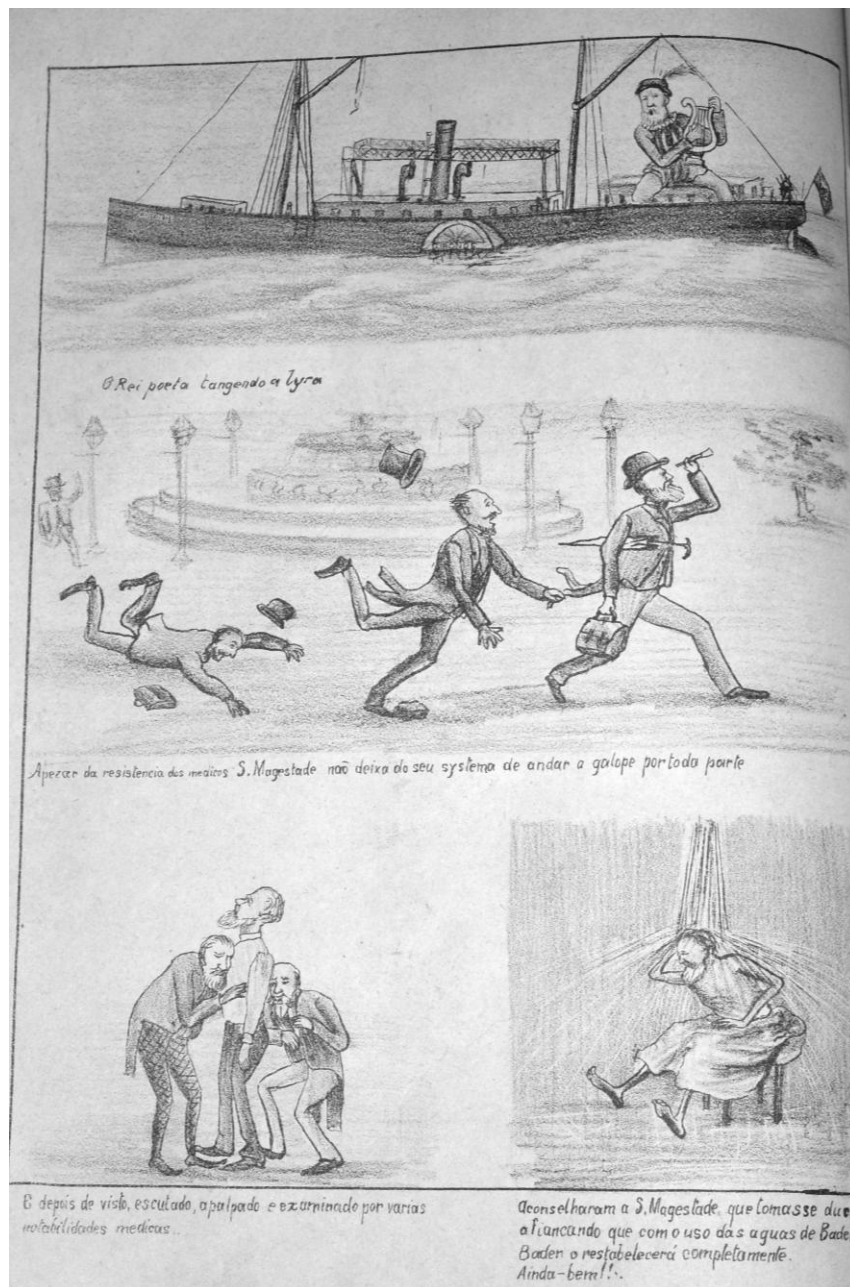


Figura 2: A viagem de Dom Pedro II em A Ventarola.

Legendas: O rei poeta tangendo a lira - Apesar da resistência dos médicos S. M. não deixa do seu sistema de andar a galope por toda a parte. E depois de visto, escutado, apalpado e examinado por várias notabilidades médicas...Aconselharam a Sua Majestade que tomasse ducha afirmando que com o uso das águas de Baden-Baden o restabelecerá completamente. Ainda bem!!

Fonte: A Ventarola, Pelotas-RS, p.08, 11 set. 1887

Acervo: Biblioteca Pública Pelotense – Pelotas/RS

**Referências bibliográficas:**

BALABAN, Marcelo. 2005. *Poeta do lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. Campinas. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 361 p.

CAGNIN, Antonio Luiz. 2005. *Estava escrito!* Acessado em: 20/04/2005, disponível em: [www.Jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/visuais/alc.doc](http://www.Jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/visuais/alc.doc)

CAGNIN, Antonio Luiz. 2005. Foi o Diabo! In: *Diabo Coxo* – Ed. Fac-similar. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. ISBN: 85314087-7

FERREIRA, Athos D.. 1964. *Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no Século XIX*. Porto Alegre, Editora Globo.

FERREIRA, Athos D.. 1971. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo.

FREIRE, Délio. 2000. Primórdios da imprensa caricata paulistana: o *Cabrião*. In: *Cabrião* – Ed. Fac-similar, São Paulo, Editora da UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. ISBN: 857139331-1

LIMA, Herman. 1963. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio.

MARTINS, Ana Luiza. 2001. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempo de República. São Paulo (1890-1922)*. São Paulo, Imprensa Oficial. ISBN: 8531405696

NICOLAZZI, Fernando. 2003. “História: memória e contramemória”. *Métis – História e Cultura*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, v.2, nº 3. ISSN: 1677-0706

OLIVEIRA, Gilberto M. de. 2006. *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)*. São Paulo. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo – USP, 335p.

RIBEIRO, Marcus T. D. 2006. “A arte de alfinetar”. *Nossa História*. Rio de Janeiro, ano 3, nº 30. ISSN: 1679-7221

RIBEIRO, Marcus T. D.. 1988. *Revista Ilustrada (1876/1898), síntese de uma época*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 369 p.

RICOEUR, Paul. 2000. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica. ISBN: 9505577648

SEIXAS, Jacy Alves de. 2003. Figuras passionais, sentimentos morais e cultura política brasileira: imagens do esquecimento e da denegação. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela. *História & historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação*. Uberlândia, Editora da Universidade Federal de Uberlândia. ISBN: 857078060-5

SEIXAS, Jacy Alves de. 2002. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas. ISBN:

SILVEIRA, Mauro César. 1996 *A batalha de papel. A Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre, L&PM. ISBN: 852540633-3